

Cidade do Vaticano - em 09.02.2015 às 12:57 - Agência I.Media

Há uma "contradição" no pedido do sacramento do matrimônio, sem fé, diz Dom Laffitte (Entrevista). Embora a instituição familiar esteja no centro das preocupações do Papa Francisco e da Igreja, a meio caminho entre os dois sínodos dedicados à família, I.MEDIA se encontrou com o Secretário do Pontifício Conselho para a Família, Dom Jean Laffitte. O bispo francês fez rever o trabalho do último Sínodo, mas também no convite do Papa Francisco para simplificar os procedimentos para nulidade do matrimônio. Além disso, o secretário do dicastério responsável da família incentiva uma "preparação verdadeira ao casamento" ou mesmo um "acompanhamento dos matrimônios celebrados", em um "contexto de ignorância religiosa e do relativismo ético."

Com os sínodos de outubro 2014 e, depois, em outubro de 2015, o Papa Francisco fez da família uma das prioridades de seu pontificado. Como você explica esta escolha?

No final do pontificado de Bento XVI, houve um Sínodo sobre a nova evangelização. Na ocasião, mais de 100 Padres sinodais mencionou a família como um meio e um lugar para uma nova evangelização. A família não é simplesmente um objeto de evangelização: é antes de tudo um sujeito de evangelização, primeiro através de seu testemunho. Para isso precisa estar imbuído do Evangelho. Papa Francisco também percebeu que a família precisava ser encorajada, revitalizada. Isto é para atender às famílias, para medir, com uma visão pastoral, os seus sofrimentos e as suas feridas. Uma vez que estamos em um contexto geral de relativização da instituição familiar, é mais necessário do que nunca aprofundar o plano de Deus sobre o amor humano, sobre o matrimônio e a família.

Quais são, na sua opinião, os pontos-chave que emergiram do Sínodo anterior e quais deveriam ser objeto de novas reflexões no próximo mês de Outubro?

Há duas ações que foram destacadas. A primeira é reafirmar o valor fundamental da instituição da família, desta forma, fomos capazes de tratar de várias questões, tais como controle de natalidade ou os perigos da extensão do termo "família" para uniões que não têm nada de família, para uniões que têm outra natureza. Isso é para demonstrar que a família, célula fundamental da sociedade, contribui para o seu bem comum. A segunda ação é destinada a cristãos. O matrimônio é um sacramento. O Concílio Vaticano II afirmou que, no momento deste sacramento, Cristo vem ao encontro dos cônjuges para viver com eles. Poucas pessoas estão cientes da santidade do matrimônio cristão, porque agora muitos cresceram em um mundo desprovido de qualquer cultura cristã. Alguns exigem o sacramento do matrimônio, quando nunca puseram os pés em toda a sua vida na igreja, e não tem a menor ideia do que seja um sacramento. A Igreja tem o desejo de acolher, mas, ao mesmo tempo, não pode dar um sacramento em qualquer condição. Daí a preocupação de um grande número de Padres sinodais para fortalecer e aprofundar uma verdade preparação para o matrimônio ou, para alguns, um catecumenato real. Outros Padres sinodais também discutiu a necessidade de um acompanhamento para casamentos realizados recentemente. Esta é, em suma, o coração do que os Padres têm expressado, embora alguns, especialmente a mídia, acentuaram certas questões pastorais.

Sobre uma melhor preparação ao matrimônio, o Papa sugeriu recentemente aos membros do Tribunal da Sacra Rota Romana a levar mais em conta o critério da fé dos cônjuges no momento da sua " intenção matrimonial." A questão já foi evocado por Bento XVI. O que pensa?

Bento XVI tem pensado muito sobre esta questão, desde o início da década de 2000, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. O direito da Igreja sempre defendeu que não há casamento possível entre dois batizados que não seja sacramental. Isso significa que os batizados podem legalmente pedir a Igreja este sacramento. Mas há uma contradição em exigir um sacramento e ser indiferente ao que é o sacramento, ou talvez o fato de ser um batizado. Há um apelo para os pastores de considerar como eles vão dar o sacramento e irão preparar os noivos. O fato de não ter fé, portanto, invalida o sacramento? A resposta é não: em si, a falta de fé não altera o fato de que o único casamento entre duas pessoas batizadas pode ser um sacramento. Já entre os motivos de nulidade que existem para um casamento sacramental, existe uma falta em aderir ao que se chama as propriedades essenciais do matrimônio (unidade, indissolubilidade). No contexto da incultura religiosa e do relativismo ético que prevalece em

muitas partes do mundo, existe dúvida quanto à verdadeira compreensão - e aceitação - da natureza do matrimônio e suas propriedades essenciais. Em termos simples, quais compreensão da unidade e indissolubilidade do matrimônio, e sua abertura à vida, tem a pessoa que vem para se casar sacramentalmente? Quando dois jovens querem se casar, mas não acreditam na indivisibilidade, a finalidade da sua união, o casamento não pode ser nulo. Mas seu casamento, neste caso, será nulo, e não porque eles não têm fé, mas porque a sua "não fé" provoca uma "não-adesão" para quem toma um matrimônio válido. Apenas duas ou três décadas atrás, quando todos - crentes ou descrentes - aderiram a essas propriedades do matrimônio, a questões da "não fé" não iria mostrar-se nestes termos. Hoje, apenas a Igreja ensina e transmite as propriedades do matrimônio.

Papa Francisco criou uma comissão especial para simplificar os procedimentos das causas de nulidade do matrimônio e para torná-los mais velozes. É uma boa solução?

Certamente, há melhorias a serem obtidos. Os Padres sinodais sublinharam. No entanto, a existência de procedimentos muito longos também é o resultado de uma história legislativa do direito e sua finalidade, ou seja, que a Igreja tem tomado como precauções para preservar a relação conjugal. Quando há várias mediações, mais graus, o procedimento pode parecer pesada. Mas tem que estudar essa dificuldade com extrema cautela e com muita prudência para que não se pense que a estima por parte da Igreja para a relação conjugal, que sempre defendeu, se enfraqueceu.

Durante o Sínodo de Outubro de 2014, alguns meios de comunicação falaram de um Papa "progressista", pronto para uma maior abertura em favor dos divorciados recasados, da convivência ou até mesmo casais homossexuais. É uma versão mais perto da realidade?

Se prestam ao Papa das intenções e das convicções que não são necessariamente a sua. É necessário considerar o conjunto de todas as suas declarações. Nas Filipinas, mais uma vez exaltou a importância da *Humanae Vitae*, o texto mais controverso dos últimos 50 anos! Esta interpretação parcial e distorcida de que fala é que não se mede o quanto o Papa se preocupa em ser capaz de unir às pessoas, tendo em conta as suas provações e as suas feridas. Ele adere totalmente à verdade da doutrina da Igreja; mas chama a atenção de toda a Igreja sobre a necessidade de enfrentar os novos desafios, que Francisco faz com palavras fortes ou as imagens.

Palavras recolhidas no Vaticano por Bénédicte Lutaud, I.MEDIA